

O DESLUMBRE E A REPULSA: OLHARES DO ESTRANGEIRO SOBRE O BRASIL DO SÉCULO XVI. Rafaela Mendes Mano Sanches, Susanna Busato. – CIÊNCIAS HUMANAS – Licenciatura em Letras – Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Campus de São José do Rio Preto.

No século XVI, ao encontrar-se com o Novo Mundo, o europeu deparou-se com uma nova realidade, com coisas jamais vistas nem ouvidas. Em função disso, os relatos de viajantes que vivenciaram esse novo contexto mesclaram o deslumbramento que tiveram com um olhar de repulsa frente, devido à perturbação pelo estranho, promovendo um sentimento de ambivalência com relação ao Novo Mundo. Assim, para os viajantes europeus apreenderem essa nova realidade, visto que não conseguiam explicar “as coisas estranhas” feitas pela natureza, bem como o modo de viver do “novo homem”, principiaram por narrar um mundo que parecia absurdo, fantasioso e sedutor, fruto da atividade imaginativa. Dessa forma, constata-se que essas narrativas constituem um importante documento histórico para a compreensão da leitura do europeu sobre o Brasil, visto que descreveram a flora, a fauna, e os habitantes da “terra desconhecida”, segundo as interpretações de cada viajante europeu. Em decorrência disso, deve-se considerar que as descrições e as informações desses relatos não apresentaram a própria e verdadeira realidade, uma vez que se constituíram de representações e reinvenções do novo contexto, produzidas de acordo com a visão de cada sujeito. Assim, as narrativas eram imagens construídas, a partir de componentes ideológicos, culturais e sociais, estabelecidos no continente europeu. Logo, para os viajantes era impossível interpretar o Novo Mundo sem recorrer a esses conceitos preestabelecidos, que contribuíram para o olhar de repulsa e de deslumbre dos estrangeiros.

No que diz respeito ao olhar de repulsa, o choque com a cultura do outro, principalmente em relação ao ritual do canibalismo, visto que para o europeu era um tabu comer carne humana, foi responsável pela construção da imagem do “índio canibal”, “selvagem”, “sem religião”. Também em função desse ritual é que o índio foi considerado a própria figura do demônio, derivada da relação social de diferença entre o europeu e o índio. Por outro lado, a imagem de inocência dos indígenas projetada pelos europeus em vista do estado natural em que se encontravam em meio à natureza, bem como a ignorância desses no que diz respeito às riquezas de sua terra, como o ouro e a prata, configuraram-se em uma das facetas para a construção da imagem do “bom selvagem”, a qual, ao lado da imagem do “mau selvagem”, complementa a visão do europeu sobre o índio e, por conseguinte, do Novo Mundo. Além da figura do índio, a exuberância e o exotismo da natureza foram responsáveis pelo olhar de deslumbre dos estrangeiros ao passo que a hostilidade dessa mesma natureza, calcada nos animais ferozes e selvagens, promoveu o sentimento de medo do europeu. Assim, a figura da natureza, associada a do índio complementa os olhares do estrangeiro sobre a nova realidade. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo mostrar o modo como se construiu o olhar de deslumbre e o de repulsa do europeu, tendo como principal enfoque a imagem do “índio canibal” e a do “bom selvagem”, que o estrangeiro produziu sobre o Brasil do século XVI, e contribuir para uma leitura acerca da representação do olhar estrangeiro sobre o Novo Mundo, buscando compreender os sentidos das imagens construídas no encontro com essa nova realidade, por meio dos relatos dos viajantes.

Para isso, este trabalho tem como base teórica a análise crítica de Marilena Chauí, as análises críticas dos quadros dos artistas viajantes feita por Ana Maria de Moraes Belluzzo e a análise crítica de Roberto Ventura, sobre a visão do europeu em relação ao Novo Mundo, e os textos de Monique Augras e de José Pedro Martins, sobre a representação dos olhares do europeu em relação a nova realidade com que o estrangeiro se deparou nos Trópicos. E possui como corpus os relatos de viajantes como Frei André Thevet, Jean de Léry e Hans Staden, bem como uma das gravuras do Anônimo do século XVI, o qual ilustra o livro de Hans Staden, e uma das gravuras do Frei Thevet.

No Brasil do século XVI, o europeu construiu a figura do índio de duas formas: pela imagem perturbadora do canibalismo (o “índio canibal”) comparada à viacrúcis de Cristo (Belluzzo, 1994: 58) e pela do “bom selvagem”, em função da imagem de inocência projetada sobre os indígenas. Nesse sentido, quando os viajantes europeus se depararam com a singularidade do modo de viver dos habitantes do Novo Mundo, situaram-nos no elenco dos conhecimentos já disponíveis. Assim, os viajantes representaram o índio a partir dos conceitos culturais, sociais e ideológicos, estabelecidos no

continente Europeu, desconhecidos pelos indígenas, visto que o meio em que viviam era completamente diferente do meio de onde vieram os viajantes. Em função disso, a figura do índio foi projetada e definida, nos relatos, pelo que os indígenas não eram, em oposição ao europeu civilizado, cristianizado e culto. Nessa perspectiva, corrobora-se a oposição entre natureza e cultura, visto que os novos habitantes eram vistos como pertencentes à ordem da natureza ao passo que os europeus cristãos representavam a cultura. Pode-se observar essa oposição no seguinte trecho:

Esta região era e ainda é habitada por estranhíssimos povos selvagens, sem fé, lei, religião e nem civilização alguma, vivendo antes como animais irracionais, assim como os fez a natureza, alimentando-se de raízes, andando sempre nus tanto os homens quanto as mulheres, à espera do dia em que o contato com os cristãos lhes extirpe esta brutalidade (...). (Thevet, 1978: 98).

Dessa forma, a dificuldade em aceitar a singularidade da cultura indígena implicou na negação da realidade do outro e, por conseguinte, na relação de poder e domínio dos estrangeiros. Logo, o poder da religião conjugou-se para assegurar o domínio dos europeus sobre o Novo Mundo. Nessa perspectiva, os relatos de Staden, de Léry e de Thevet justificaram o ritual de canibalismo em função da ausência de ensinamentos religiosos do cristianismo entre os indígenas. Constata-se que esse ritual configurou-se em uma imagem perturbadora para os estrangeiros, fato que explica o modo como ele é descrito nos relatos, os quais retrataram o índio como a figura do próprio demônio, como se pode notar na gravura do Anônimo do século XVI, que ilustra o livro de Staden (Staden, 1999: 50):



Anônimo do século XVI

Nessa gravura, a mescla do demônio com o índio, ambos figuras do medo, sugere que o temor do desconhecido também se misturou com a condenação dos costumes indígenas, de acordo com os valores do cristianismo. Ao apresentar o demônio como o indígena americano, a pintura assinala um paralelo entre a figura do demônio e as práticas canibais dos índios brasileiros. Assim, justifica-se o fato da descrição do ritual de canibalismo ocupar o papel central nas narrativas de Staden, de Thevet e de Léry, bem como nas gravuras desse artista. Tem-se, assim, a descrição desse ritual no seguinte trecho do relato de Léry:

O prisioneiro, que não ignora, que a assembléia reúne-se por cauza dele, e que ele vai ser morto dentro de poucas horas, depois de enfeitado de penas, longe de apresentar ser pezaroso, ao contrário saltando e bebendo, mostra-se como um dos mais alegres convivas. (...) os dois selvagens, que o conservam amarrado, afastam-se d'ele, um para a direita e outro para a esquerda, quazi trez braças, segurando cada um em cada ponta da corda, ambas de igual comprimento, e esticam com tal firmeza que o prisioneiro, seguro pela cintura, como já dice, fica parado e não póde ir nem vir para um ou outro lado. Então lhe trazem pedras e cacos de potes; depois os dois seguradores das cordas, receiozos de serem feridos, cobrem-se com rodela de couro de tapirussú, de que já falei, e dizem-lhe: - Vinga-te antes de morrer. Começa o prisioneiro a atirar projetis e investir rijo e forte contra quantos ali estão. (...) então o campeão, predisposto para praticar a morte, levanta a clava de madeira com ambas as mãos e com a rodela da ponta descarrega tam violenta pancada na cabeça do mízero prisioneiro, que o vi com o primeiro golpe cair redondamente morto, sem mover braço ou perna, como os magarefes abatem os nossos bois. (Léry, 1989: 96 e 97).

Em relação a esse ritual de canibalismo, constata-se o olhar de repulsa dos viajantes, como se pode notar nos seguintes trechos:

Então (oh! crueza mais que prodigiosa) assim como os nossos caçadores depois de apanharem um veado dão carne aos cães circunstantes, assim também esses bárbaros pecam os filhos uns após outros. (Léry, 1989: 97); Mesmo um animal irracional raramente devora os seus semelhantes, por que então um homem iria devorar os outros? (Staden, 1999: 106); Entretanto, no que concerne a esta gente que, conforme por diversas vezes falamos, vive sem fé e sem lei, tal atitude [ritual de canibalismo] não é de toda estranha. (Thevet, 1976: 135).

Ainda na perspectiva da construção da imagem do índio, tem-se o “índio bom selvagem”, calcado no estado de inocência, interpretado pelo europeu em função do estado natural em que viviam, pois mantinham uma relação direta com a natureza, ademais de “andarem” nus. Além da representação da imagem de inocência, o europeu também projetou a figura do índio calcada na ignorância, visto que o índio desconhecia o valor do ouro e da prata, materiais de extremo valor para os estrangeiros. Nessa direção, tem-se o trecho do relato de Léry:

Os Tupinambás, como já dice, odeiam mortalmente os avarentos; e prou verá a Deos, que fossem todos os avaros lançados entre os selvagens, que serviriam de demônios e fúrias para atormentar os nossos insaciáveis abismos, que nunca, temem bastante, e só cuidam de sugar o sangue e a substancia alheia. (Léry, 1988: 80).

Thevet também contribuiu para a imagem do “índio bom selvagem”, como se pode observar no seguinte trecho, o qual corrobora a falta de conhecimento dos indígenas sobre as riquezas de sua terra: “Os selvagens criam também papagaios, trocando-os com os cristãos por algumas ferragens, pois desconhecem por completo o valor do oro e do dinheiro.” (Thevet, 1976: 144).

Além da contribuição da imagem do índio para a construção do olhar de deslumbre e de repulsa do europeu, tem-se que a singularidade da fauna e da flora, tão diferentes das da Europa, também causaram nos viajantes um sentimento oscilante entre o encanto e a perturbação; a perplexidade e o medo, visto que ao mesmo tempo em que o exotismo e a beleza da natureza os maravilhavam, também os ameaçavam, uma vez que se encontravam, nessa terra desconhecida, animais estranhos e perigosos, aos olhos dos europeus. Nesse sentido, têm-se os seguintes trechos de Léry que representam esses dois olhares:

Direi em conclusão, que, não existem n’América quadrúpedes, aves, peixes, nem outros animaes em tudo e por tudo semelhantes aos animaes da Europa, como acima declarei; que também não vi árvores, ervas, nem frutas, que não divergissem das nossas, exceto trez (...). Por isso quando a imagem d’esse novo mundo, que Deos me permitio vêr, apresenta-se ante meos olhos, e contemplo a serenidade do ar, a densidade dos animaes, a variedade das aves a formozura das árvores e das ervas, a excelência das frutas, e em geral as riquezas, com que se decora essa terra do Brazil(...). (Léry, 1989: 87).

O maior, xamado ahi pelos selvagens, é do tamanho de um grande cão d’agua, e tem cara de bugio parecida com rosto humano, ventre pendurado, como o de porca prenhe, pêlo pardo-escuro, como lan de carneiro preto, cauda curtíssima, pernas cabeludas, como as do urso, e unhas mui compridas. E posto que nos matos seja mui feroz, quando é pego, torna-se fácil de amansar. (Léry, 1989: 65).

Na primeira passagem, observa-se o quão maravilhado está Léry com a fauna e com a flora dessa nova realidade, que se distinguem e se destacam em relação às de seu “mundo”. No entanto, no segundo trecho, tem-se que a mesma natureza é responsável pelo seu sentimento de temor e, por conseguinte, pelo seu olhar de repulsa, nesse exemplo, com relação ao bicho preguiça, chamado de “ahi”, que, como o próprio Léry relatou, é um animal feroz e hostil. Nota-se também, nesse último trecho, o modo singular pelo qual o viajante descreve “o estranho”, uma vez que utiliza uma linguagem metafórica para retratar esse animal. Assim, toma como referente um objeto de seu conhecimento, referente ao seu mundo e, a partir dele, descreve o desconhecido. Em uma das passagens de Thevet, nota-se o mesmo procedimento de descrição que Léry utilizou, uma vez que Thevet descreve metaforicamente o tucano, desmembrando as suas partes e comparando-as com as de um pega, ave que se insere no conhecimento de mundo desse viajante.

(...) O tucano é do tamanho de um pombo. Há uma variedade bastante semelhante a um pega. Ambas, contudo, apresentam plumagem do mesmo tipo, ou seja, quase inteiramente negra, a não ser a cauda, onde aparecem penas vermelhas por entre as pretas, e abaixo do peito, onde surge uma mancha de penas amarelas de cerca de quatro dedos tanto de comprimento quanto de largura – não é possível encontrar-se um tom de amarelo mais maravilhoso do que este. (Thevet, 1978: 153). (...) o tucano é incrivelmente disforme e monstruoso, tendo o bico quase tão grosso e comprido quanto o resto do corpo. (Thevet, 1978: 154).

Nota-se também, nessa passagem, que esse estrangeiro encantou-se com o exotismo das cores do tucano, uma vez que ele próprio afirma que é impossível encontrar um tom de amarelo mais maravilhoso que o tom dessa ave. Mas ao mesmo tempo em que o retratou como uma ave deslumbrante, também a descreveu como uma figura monstruosa e disforme, fruto da atividade imaginativa, como se pode notar tanto no relato acima, como na seguinte gravura desse viajante (In: Ana Maria Belluzzo, 1994: 37):



Frei André Thevet

Tem-se, então, neste trabalho, uma tentativa de construção do olhar do europeu sobre o índio no século XVI, uma vez que a representação desse olhar é importante para uma melhor e mais enriquecida compreensão das imagens do Novo Mundo, produzidas no passado pelos estrangeiros, mas perpetuadas até hoje. Assim, essa leitura do passado somente é possível em função dos relatos de viagem, que projetam a interpretação dos seus habitantes e dos estrangeiros sobre o Brasil. Nesse sentido, os viajantes registraram a sua visão sobre o índio, a fauna e a flora deste país. Assim, acentua-se a importância desses relatos como fonte tanto à produção historiográfica como à construção dos olhares dos europeus acerca do índio e, por conseguinte, do Novo Mundo, o que servirá de informação importante para a construção de uma leitura acerca dos modos como outras linguagens representaram o Brasil nessa época e os vetores de força que legitimaram seus discursos.

Referências Bibliográficas:

BELLUZO, Ana Maria de Moraes. *Brasil dos viajantes*. Vol. I: Imaginário do Novo Mundo. Fundação Odebrecht com Metalivros, 1994.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

STADEN, Hans. *A verdadeira história dos selvagens, nus, ferozes devoradores de homens*. Rio de Janeiro: Dantes, Trad. Pedro Sussekind; 1999.

THEVET, André. *As singularidades da França Antártica*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Trad. Eugênio Amado, 1978.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: a natureza como pátria*. In: Remate de Males. Campinas, (7): 27-38, 1987.

Webgrafia:

AUGRAS, Monique. *Imaginária França Antártica*. Revista de Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.4, nº7, p.19-34. In: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/145.pdf>

LÉRY, Jean. *História de uma viagem à terra do Brasil*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, nº52 (80), 1889. In: <http://www.cce.ufsc.br>

MATINS, José Pedro. *Imagens e invenções de um país*. Jornal da Unicamp. Campinas, 2000. In: http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/mai2000/pagina2-Ju151.htm